

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Cláuder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

Uma carta de Trudi Landau

EDMÍLSON CAMINHA

Escritor, membro da Academia de Letras do Brasil
edmilson.caminha@gmail.com



Houvesse a carreira de correspondente profissional, o registro nº 1 seria de Trudi Landau, a "maior (e melhor) escrevedora de cartas em todo o mundo", no dizer de ninguém menos do que Carlos Drummond de Andrade. Conheci-a quando publicou, em 1992, *Carlinhos querido*, sobre a correspondência que manteve com o poeta. Nasceu em Colônia, na Alemanha, em 1920 e morreu em São Paulo, em 2015, aos 95 anos de uma longa e bela vida. Após passar a segunda guerra mundial escondida no sul da França, onde se casou, chegou ao Brasil com o marido em janeiro de 1946. Ficou conhecida na imprensa durante a ditadura de 1964, por suas cartas corajosas às redações dos jornais, denunciando arbitrariedades e injustiças. Escreveu crônicas e análises para as publicações *Shalom*, *Resenha Judaica*, *O Hebreu* e *Menorah* e, em alemão, para os semanários *Brasil-Post* e *Deutsche Zeitung*. De 1975 a 1989, foi cronista do matutino *Notícias Populares*, de São Paulo. Publicou os livros *Crônicas do meu tempo* (Massao Ohno, 1981) e *Vlado Herzog, o que faltava contar* (Vozes, 1986).

Quando a visitei em São Paulo, contou-me a história que eu já conhecia do cinema e da literatura, mas que me emocionou por ouvi-la, pela primeira vez, da boca de quem a soubera não pelo *Diário de Anne Frank* ou pelo filme *A Lista de Schindler*, mas porque sobrevivera ao ódio para testemunhá-lo. Em 1939, Trudi (Gertrude) era uma moçinha de 19 anos entre os milhares de judeus alemães que se refugiaram na Bélgica; presa em Bruxelas, escapou para a França em 1940, mas acabou internada no Camp de Gurs; tentou fugir para a Espanha e por isso foi mandada, em 1942, para uma prisão em Nice; três meses depois conseguia, finalmente, driblar a morte e esconder-se no sul da França, onde viveu por algum tempo com o nome verdadeiro, ganhou nova identidade da Resistência e se casou com Jean Landau, seu amado Jeannot. Mostrou-me o passaporte nº 3917, emitido pela embaixada alemã na Bélgica em 12 de dezembro de 1939, com um J vermelho – de jude, judeu – carim-

bado na primeira folha e o nome de solteira, Trudi Joseph, antecedido por "Sara", que se impunha a todas as judias (aos prenomes masculinos acrescentava-se "Israel").

Sobre o pai, Albert, morto no campo de concentração de Maidanek, na Polônia, escreveu: "Em Bruxelas, para onde eu tinha fugido com ele, morávamos num quarto alugado. Em 1940, quando os alemães tinham invadido a Bélgica, as autoridades belgas convocaram os civis inimigos – suprema ironia! – para os belgas, papai continuava sendo alemão igual aos outros – para que se apresentassem com malinha de roupas. Seriam internados como prisioneiros civis de guerra. Como eu não estava em casa, deixou-me, sobre a mesa, um bilhete explicativo, que assim termina: *Bleibe brav. Dein Vater – Sê honrada. Teu pai!*"

E assim se manteve Trudi, uma mulher honrada. Com essa alemã risonha e pequenina, consciente e corajosa, naturalizada brasileira desde 1952, correspondi-me por muitos anos. Ela sabia, como a Tia Yentl, personagem de um conto de Isaac Bashevis Singer, que o inferno é o lugar onde os pecadores ficam deitados em suas camas de pregos, à espera de cartas que nunca chegam... Não eu, felizmente; de Trudi Landau recebi dezenas de cartas, sempre longas, substanciais, inteligentes. Como esta, em que escreve sobre o judaísmo, o rompimento com Deus, o amigo Carlinhos (Drummond de Andrade), o jornalista Vlado Herzog e o quase obsessivo cuidado com as línguas (sobretudo a alemã e a portuguesa) como bens de cultura e como instrumentos de trabalho.

São Paulo, 29 de maio de 1993
Meu caro Edmilson.

Estou em falta com você. Lá está na pasta sua carta de 7 de abril. E, de repente, alguém me fala sobre você. Estivemos em Belo Horizonte, de 14 a 18 deste mês, onde lancei meu livro na comunidade judaica e na Universidade Federal de Minas Gerais. Vendas foram poucas, mas calor humano foi muito. Todos de extrema gentileza, levando a jantares, almoços (que custam muito mais que livros



mas são pagos com maior facilidade). E, na tarde da Festa da Rua, de repente uma senhora (acompanhada de um senhor) se apresenta: "Sou sobrinha do Carlinhos", e acrescentou que foi o Edmilson Caminha que lhe tinha falado (ou escrito) sobre mim. Até convidou para a casa dela, mas a gente já ia embora. Peguei seu endereço mas perdi o meu caderno (ou melhor, deixei-o na casa de uma amiga e ela não me enviou ainda). Se você pudesse dar-me o endereço da sobrinha, eu lhe mandaria um livro de crônicas. Ela disse que a filha dela (se não me engano) compraria o *Carlinhos* na noite de segunda, quando estaria na UFMG. Belo Horizonte tem mais ou menos o tamanho que tinha São Paulo quando aqui chegamos, em 1946. Mas as avenidas são mais largas e muito mais arborizadas. A comunidade judaica é bem pequena, mas sempre há uns abnegados que tocam clubes, entidades, sinagoga, para que os jovens não se afastem. O judaísmo sempre tem sido mais unido e mais atuante em tempo de perigo e de miséria do que em tempo ameno. Mas creio que isso é válido para qualquer grupo.

Um dos senhores que vieram comprar meu livro era o que me confirmaram ser o maior livreiro da cidade. Se ele não conhecia o meu livro, você já pode imaginar quão eficiente é a distribuição de minha editora. Provavelmente nem está circulando no Sul e no Norte. Mas as pessoas que o leem se emocionam. Recebo cartas e telefonemas, principalmente das que se identificam comigo como mãe.

Efetivamente, meu livro sobre o Vlado agora fica sendo atual, com respeito ao que se passa na Bósnia Herzegovina. Quem teria jamais ouvido falar daquela região antes dos conflitos de agora? O pobre Vlad ficou sendo herói sem querer. Eles não o mataram por querer, mas foi um "acidente de trabalho". Os torturadores já não se dão conta do quanto uma pessoa pode suportar fisicamente, sem que o coração pare ou sem que o fígado se arrebe sobre os golpes. Com certeza o Vlado hoje estaria numa posição de destaque, como o Fernando Henrique, de quem era colega. Vlado também falava várias línguas, inglês, iugoslavo, alemão, francês e italiano, já que viveu

alguns anos lá.

Já não vamos visitar o túmulo do Vlado todos os meses, mas somente em dias especiais. Da próxima vez que eu for colocarei uma pedrinha em seu nome (nos cemitérios judeus a gente coloca uma pedra como sinal de visita. Talvez isso venha dos tempos em que se vivia no deserto, onde não havia flores). Mesmo nos enterros judeus, para quem sabe do costume, não se levam flores. Às vezes se faz uma doação, em nome do falecido, a uma instituição de beneficência.

Talvez pessoas, em linhas gerais, tenham razão de não se ligar tanto à gramática e às coisinhas de língua como eu. Mas comigo acontece um fato esquisito. O erro de concordância ou outro do gênero me dói, assim como dói a um músico de ouvido afinado uma nota errada. Não procuro descobrir erros, mas eles me incomodam. Leio jornal com a caneta na mão e vou corrigindo os erros, mesmo que depois o jornal vá para o lixo. O que vejo ultimamente é o abuso, mesmo nos jornais da grande imprensa, do "que", onde caberia "em que", "aque", "de que", "sobre o que". Isso não deveria acontecer a alguém que redige textos de jornal. Até o Jeannot se escandaliza. Hoje, há no *Jornal da Tarde*, num texto sobre Campos do Jordão (onde há festival de inverno de música), a frase: "Seu projeto demandava um montante de dinheiro que (sic) a Secretária não dispõe", no lugar de "de que". O tempo todo acontecem esses erros. Quando ainda havia revisores nos jornais, isso não acontecia. Eram senhores mais idosos, que ainda falavam um português correto.

Algumas coisas que não me agradam muito são costumes que talvez não cheguem a ser erros, mas que poderiam ser evitados. Brasileiro, principalmente, usa e abusa do "em", como na frase: "Não é por acaso que a maioria dos gramáticos tem dificuldade em escrever". O "em" na fala dos brasileiros, a meu ver, nem sempre cabe, se analisado friamente. Eu diria: tem dificuldade de escrever, ou para escrever, pois em francês seria *d'écrire*; creio que em espanhol também seria "de". Aliás, o Napoleão Mendes de Almeida tem todo um capítulo sobre o uso exagerado do "em". Diz ele: "É erro empregar a preposição 'em' em lugar da preposição 'de' em adjuntos adnominais

correspondentes ao genitivo latino: 'Houve aumento de 20%' (e não aumento 'em'; a pergunta é 'aumento de quanto?' e não 'aumento em quanto?') Mas a toda hora, na televisão, você ouve que o telefone, a água, o correio aumentaram "em" tantos por cento. Eu tenho prazer ao (e não "em") consultar dicionários, e geralmente neles encontro a construção por mim usada como sendo certa. Fico na dúvida, somente, por ler tantas vezes um português duvidoso que acabo, às vezes, usando-o para não parecer rebuscada demais. Aliás, as coisas ficam mais fáceis para mim, já que existe, no alemão, o genitivo (como dizem que existe em latim, que não conheço). No alemão existem quatro declinações: *der Vater, des Vater, dem Vater, den Vater* (o Pai, do Pai, ao Pai, o Pai). Por isso nunca tenho dificuldade de (e não "em") saber quando tenho de usar *lhe* ou *o*. Por exemplo, outro dia vi no jornal: "Ele *lhe* (sic) salvou", quando o certo seria "ele o salvou". Agora, quando a frase é "ele *lhe* salvou a vida" então cabe o "lhe". No alemão é "ihm" ou "ihnen", sendo por isso, para mim, fácil saber quando é "o" ou "lhe". Mas creio que nas escolas aqui eles não explicam bem, pois vejo políticos e parlamentares usar (e não "usarem") a palavra errada em muitos casos. Outro erro, recentemente cometido pelo governador de Flórida: "Entre o Presidente e o (sic)".

Agradeço seus bons votos de Pessach. Quando meu filho era vivo, a gente ainda seguia mais ou menos as tradições por causa dele. Depois que morreu, a gente não segue mais nada. Aliás, no livro do Carlinhos eu disse, numa crônica, que cortei relações com Deus depois da morte do Manu. Uma senhora me escreveu (ela perdeu o filho num acidente de trânsito) que a mesma coisa se deu com ela e o marido. Ficou muito comovida, aliás, com o livro do Carlinhos. Você não imagina o quanto as coisas tocam as pessoas. Em Belo Horizonte, uma senhora veio cumprimentar-me pela matéria "Judeus pobres", publicada em *O Hebreu*, que fala da possibilidade de uma pessoa de repente ficar pobre por perder o emprego e não mais ter condições de pagar aluguel ou condomínio. Você leu? Até o jornalzinho do Bom Retiro reproduziu a matéria. Aquele senhora me segurou a mão e me disse o quanto eu tinha falado a verdade. Assim, qualquer assunto em que a gente toca sempre acha uma parcela de população que se sente pessoalmente gratificada, ou redimida, ou vingada pelo que escrevo.

Vou ver se faço mais cópias das cartas originais do Carlinhos para mandar-te. Acho muito interessante o que ele me conta da pesquisa sobre os cristãos-novos. Foi feita a máquina – aquela *surranne*, pois era bastante comprida. Se tivesse fax, mandaria direto. Quem sou eu para ter fax? Acho muito bom minha IBM elétrica, pesada. Pelo menos, os ladrões não a levaram.

À bientôt,
Trudi Landau

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685